



A arte sobre o futebol e sua possibilidade para revelação do drama social

Cristiano Mezzaroba¹
Universidade Federal de Sergipe

Daniel Machado da Conceição²
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Nas ciências sociais, a escola inglesa de antropologia desenvolveu estudos que observaram a performance, descrevendo comportamentos e ações que retratam a vida social, um olhar especial para o ritual. Ao destacar o ritual, a dramatização do social passa a ser um conceito importante para analisar os grupos humanos. No Brasil, o antropólogo Roberto DaMatta com o arcabouço teórico de Victor Turner fez análises sobre eventos diversos que descrevem o drama social. Entre esses eventos estão a parada militar, o carnaval, os festejos religiosos e o futebol. Para discutir a importância do trabalho do antropólogo Roberto DaMatta, a proposta do texto é realizar a análise descritiva de duas obras filmicas sobre o futebol brasileiro, os filmes: *Boleiros I – era uma vez o futebol* (1998); e, *Boleiros II – vencedores e vencidos* (2006), do diretor Ugo Giorgetti. Ao analisar os dois filmes indicados, percebemos a partir de conceitos e categorias elencadas por DaMatta que a dramaturgia, como arte, ao propor reproduzir o social, escancara os dramas de uma sociedade que guarda valores aristocráticos de um passado recente.

Palavras-chave

Boleiros. Drama social. Futebol. Ritual.

1. Bolsista PDE – Pós-Doutorado no Exterior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Chamada nº 14/2023 – Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação).

2. Doutor em Educação, Mestre em Educação, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais (UFSC).

The art about football and its possibility for revealing social drama

Abstract: In the social sciences, the English school of anthropology developed studies that observed performance, describing behaviors and actions that portray social life, with a special look at ritual. By highlighting the ritual, the dramatization of the social dimension becomes an important concept for analyzing human groups. In Brazil, anthropologist Roberto DaMatta, using Victor Turner's theoretical framework, analyzed various events that describe the social drama. These events include the military parade, carnival, religious celebrations and football. To discuss the importance of the work of anthropologist Roberto DaMatta, the purpose of the text is to carry out a descriptive analysis of two film works about Brazilian football, the films: *Boleiros I – era uma vez o futebol* (1998) – (Soccer players I – once upon a time there was soccer); and, *Boleiros II – vencedores e vencidos* (2006) – (Soccer players II – winners and losers (2006)), by director Ugo Giorgetti. When analyzing the two nominated films, we realized from the concepts and categories listed by DaMatta that dramaturgy, as art, by proposing to reproduce the social dimension, exposes the dramas of a society that preserves aristocratic values from a recent past.

Keywords: Soccer players. Social drama. Soccer. Ritual.

El arte sobre el fútbol y su posibilidad de revelar el drama social

Resumen: En las ciencias sociales, la escuela inglesa de antropología desarrolló estudios que observaron la performance, describiendo conductas y acciones que retratan la vida social, con especial mirada al ritual. Al resaltar el ritual, la dramatización de lo social se convierte en un concepto importante para analizar los grupos humanos. En Brasil, el antropólogo Roberto DaMatta, utilizando el marco teórico de Victor Turner, analizó diversos acontecimientos que describen el drama social. Estos eventos incluyen el desfile militar, el carnaval, las celebraciones religiosas y el fútbol. Para discutir la importancia de la obra de Roberto DaMatta, el objetivo del texto es realizar un análisis descriptivo de dos obras cinematográficas sobre el fútbol brasileño, las películas: *Boleiros I – era uma vez o Futebol* (1998) (Jugadores del fútbol I – érase una vez el fútbol); y *Boleiros II – vencedores e vencidos* (2006) (Jugadores del fútbol II – ganadores y perdedores), del director Ugo Giorgetti. Al analizar estas dos películas, percibimos a partir de los conceptos y categorías enumerados por DaMatta que la dramaturgia, como arte, al proponer reproducir lo social, expone los dramas de una sociedad que preserva valores aristocráticos de un pasado reciente.

Palabras clave: Boleiros. Drama social. Fútbol. Ritual.

Introdução

Como pensar o que é drama? Diretamente, está relacionado ao universo teatral e identificado como um gênero que descreve o conflito da ação cênica. O drama surge no século V a.C., na Grécia. Nos grandes teatros são apresentadas encenações das relações entre os personagens, seus conflitos. Portanto, a dramaturgia se coloca como a arte ou ciência da construção teatral, que envolve personagens em interação, em ações conflitantes ou dramáticas.

Essa proposta de analisar a vida social a partir da comparação com o drama/teatro foi aplicada em vários estudos nas ciências sociais e remetem à teoria do ritual que descreve as ações sociais, como são representadas e interpretadas pelos, então, atores. Significa a ideia da vida como um teatro e os personagens desempenhando papéis sociais (Cavalcanti, 2007).

Nas ciências sociais, a escola inglesa de antropologia desenvolveu estudos que observaram a performance, descrevendo comportamentos e ações que retratam a vida social, um olhar especial para o ritual. Ao destacar o ritual, a dramatização do social passa a ser um conceito importante para analisar os grupos humanos. Em *Schism and Continuity in an African Society*, livro de Victor Turner, “[...] utilizava a ideia de ‘drama social’ como artifício analítico para apresentar as contradições estruturais e conflitos da sociedade Ndembu” (Peirano, 1995, p. 103).

De acordo com Peirano (1995), os dramas devem ser encarados como eventos aleatórios, sendo possível a observação de processos sociais como rupturas, crises, reparações e reintegrações. Portanto, os rituais são dramas sociais fixos e rotinizados, sendo que seus símbolos merecem uma análise sociológica refinada para sua identificação e compreensão. No Brasil, inspirado em Victor Turner e Max Gluckmann, o antropólogo Roberto DaMatta descreve alguns desses processos de ritualização:

[...] o traço distintivo do dramatizar é chamar atenção para relações, valores ou ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isoladas das rotinas que formam o conjunto da vida diária [...]. Estudando o futebol e o esporte como um drama, pretendo analisar essas atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou <ler> por seus membros (DaMatta, 1982b, p. 21).

Com o arcabouço teórico do Victor Turner as análises sobre eventos diversos e comuns tornam-se uma nova possibilidade para descrever o drama social brasileiro. Entre esses eventos, estão a parada militar, o carnaval, os festejos religiosos e o futebol. Para DaMatta há ocorrências, apontadas em dois tipos de eventos, aqueles do cotidiano associados à vida e outros que fogem do dia a dia repetitivo e rotineiro, nesse caso, são as festas, cerimônias, solenidades, bailes, congressos, reuniões, encontros, conferências etc. (DaMatta, 1990). Como evento festivo, de celebração e entretenimento, o futebol, embora seu calendário de jogos apregoe uma característica repetitiva e rotineira, tem em cada partida um novo ritual, um acontecimento único que permite fugir das ações cotidianas. Principalmente, ao se colocar em oposição à casa, o lugar privado e excludente. O futebol nessa comparação está associado à rua, o lugar público e do anonimato, por ser o espaço em que se observa a massa (DaMatta, 1986).

No futebol, seus personagens estão marcados, executam com exatidão seus papéis e não ficam restritos apenas ao palco principal, como jogadores(as), comissão técnica e arbitragem. Há que se considerar também o entorno que envolve o futebol, isto é, torcedores(as) e vários(as) outros(as) profissionais que contribuem para que uma tarde de futebol possa acontecer. Por essa razão, em uma de suas crônicas, Ga-

leano (2013, p. 20), pergunta: “[...] quantos teatros existem no grande teatro do futebol?”. Questão que reconhece o quanto esse cenário, o ritual do futebol, é ampliado para além do gramado, seu palco principal. Os roteiros são muitos, cada encenação mesmo que repetida é única e se renova continuamente. Podemos dizer que vai do guardador de carros, o ambulante, a equipe de segurança, os(as) gandulas, a imprensa (escrita, televisiva, radiofônica e mídia eletrônica), entre muitos outros profissionais ligados diretamente ao futebol profissional.

Nesse cenário as interações acabam por repetir as representações do social, privilégio e exclusão, justiça e desigualdades, destino esperado e sonho de mobilidade, derrota e vitória, quem é de casa e quem é da rua (visitante), violência e solidariedade, liberdade e servidão, masculino e feminino, jogo e esporte, assim como muitas outras dicotomias sociais. Lembremos, entretanto, que no terço final do século XX as análises comparativas e a dualidade na maneira de interpretar os fenômenos (de forma geral) eram uma constante. Roberto DaMatta é um expoente na construção de interpretações que permitem essa análise como a relação público e privado, casa e rua etc.

Os dramas são um conjunto de problemas socialmente e historicamente significativos da sociedade brasileira, como, por exemplo: corrupção, desigualdades, racismo, machismo, misoginia, preconceito de classe social etc.. Além, também, de aspectos que envolvem a religião (e os impactos disso na sociedade), as incertezas, as distinções de várias ordens etc. Portanto, a importância dos trabalhos de DaMatta:

[...] são uma interessante fonte para entender nossa dinâmica social. Eles não são somente instigantes interpretações, mas também material de pesquisa, nas quais podem ser lidos os significados que atribuímos ao país, e ainda o que dele esperamos (Vaz, 2002, p. 162).

Para discutir a importância do trabalho do antropólogo Roberto DaMatta, a proposta do texto é realizar uma breve análise descritiva de duas obras fílmicas sobre o futebol brasileiro, os filmes: “Boleiros I: era uma vez o futebol” (1998); e, “Boleiros II: vencedores e vencidos” (2006), do diretor Ugo Giorgetti. Filmes ambientados em um bar, no qual os amigos ex-jogadores se encontram para lembrar do passado como atletas, as oportunidades, conquistas e frustrações. Sendo o único filme sobre o futebol brasileiro, que após a retomada do cinema no país, ganhou uma continuidade, separados por quase uma década, marcam dois momentos que indicam transformações no futebol do Brasil (Acker; Rossini, 2012). Os filmes são formas artísticas retratando a realidade, o que possibilita descrever dramas de uma sociedade desigual e ainda cheia de esperanças no futuro melhor.

As produções destacam uma modalidade esportiva com grande visibilidade, os atletas bem-sucedidos são alçados ao panteão de deuses e os menos reconhecidos, ainda assim são considerados semideuses, como poderes especiais que lhes garantem privilégios adquiridos. No Brasil, a partir da segunda década do século XX, o futebol passa a ocupar o interesse do público, atraindo a migração dos torcedores de outras modalidades. Com o passar dos anos e décadas, constatamos as transformações das arenas esportivas em palcos capazes de representar a sociedade brasileira e seus meandros.

Em 1996, a banda mineira Skank, com o álbum “O Samba Poconé”, fez grande sucesso com a música “É uma Partida de Futebol”³. A letra diz: “A bandeira no estádio é um estandarte; A flâmula pendurada na parede do quarto; O distintivo na camisa do uniforme; Que coisa linda é uma partida de futebol” (Reis; Rosa, 1996). Símbolos e elementos clubísticos semelhantes aos objetos religiosos que marcam a fé e indicam um pertencimento e rivalidade. Estes estão presentes na realização de uma partida de futebol, como resquícios de seu caráter ritualístico. No entanto, para além daquilo que é visível, uma partida é a encenação da vida brasileira com seus dramas. Agora, sobre a beleza do futebol, faz-se necessário estranhar sua naturalização, pois só assim se pode perceber as máscaras, ou seja, aquilo que é camuflado ou invisibilizado durante a celebração futebolística. Um desafio para o pesquisador que deve seguir a fórmula indicada por DaMatta: transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico (DaMatta, 1978, p. 4).

Ao analisar os dois filmes indicados, percebemos a partir de conceitos e categorias elencadas por DaMatta que a dramaturgia, como arte, ao propor reproduzir o social, escancara os dramas de uma sociedade que guarda valores aristocráticos de um passado recente. Um obstáculo que impede de dar passos mais largos em busca do processo civilizatório, em outras palavras, que as promessas republicanas sejam cumpridas e efetivadas em direitos e deveres de maneira igualitária. Por essa razão, Rosenfeld (1993, p. 75) diz que: “[...] uma apresentação concisa de alguns aspectos do futebol como fenômeno social de primeiro plano na vida brasileira poderia contribuir com alguma coisa para o conhecimento da atual sociedade brasileira”.

Nesse movimento, de compreensão daquilo que o futebol revela sobre a cultura brasileira sob a perspectiva cinematográfica, organizamos o texto em quatro partes, a contar da introdução com as primeiras observações sobre o tema proposto. A segunda parte apresenta um breve resumo da trajetória e o conceito de drama social proposto por DaMatta, central nessas análises. Na terceira parte, tecemos comentários sobre os dois filmes e trazemos elementos que marcam a análise desenvolvida; e, por fim, breves considerações sobre o desafio de destacar uma parte da obra de Roberto DaMatta a partir desses dois filmes sobre o futebol brasileiro.

3. Composição: Nando Reis e Samuel Rosa.

1 *Damattiano Drama*

O conceito de drama social é influência da tradição antropológica inglesa e brasileira com David Maybury-Lewis, Claude Lévi-Strauss, Louis Dumont, Émile Durkheim, Alexis de Tocqueville, Victor Turner, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Roberto Cardoso de Oliveira. Pensadores que fazem parte do arcabouço teórico do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta.

DaMatta foi um dos precursores dos estudos sociais brasileiros a dar centralidade e potência ao futebol – assim como fez com outros temas de “menor significação” acadêmica, que no cotidiano brasileiro ganham destaque, como o carnaval, o jogo do bicho, a umbanda etc. Em 1982, organizou a obra “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”, em que traçou como propósito “[...] revelar como uma certa modalidade esportiva [...] [futebol], é um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira” (DaMatta, 1982b, p. 21), a partir de uma apreciação desse fenômeno dentro do sistema social brasileiro e com sua singularidade.

Também nesta obra, iniciou a crítica à ideia generalizante de que o futebol seria o “ópio do povo⁴”, ou seja, a interpretação de que o futebol “[...] é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro, de outros problemas mais básicos” (DaMatta, 1982b, p. 22).

Segundo DaMatta (1982b):

O **futebol** brasileiro, deste modo, pode ser estudado como sendo capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. Um dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social (DaMatta, 1982b, p. 29, grifo do autor).

Ainda segundo DaMatta (1994), o futebol é um instrumento privilegiado de dramatização:

Primeiro porque ele é um formidável código de integração social. [...] Uma segunda dimensão do futebol como força integrativa é a sua capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre e desiludido, a experiência da vitória e do êxito. [...] Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência de igualdade e da justiça social (DaMatta, 1994, p. 16).

4. A esse respeito, argumentou: “[...] todos estamos profundamente insatisfeitos com uma matriz de análise sociológica dominante, que é por demais economicista e que entende ser a vida social um jogo direto de forças racionais num mercado, jamais podendo ser vista como drama futebolístico, onde homens lutam contra homens e todos com regras e torcidas que também imprimem ao espetáculo uma direção incontrolável. São precisamente esses aspectos indeterminados da vida social que nos interessam.” (DaMatta, 1982a, p. 14).

Dentre suas elaborações, sugere estudar comparativamente o significado do futebol, em diferentes sociedades; o lugar do imponderável que o futebol ocupa (por isso a ideia de sorte *versus* azar); a horizontalidade de poder proporcionada pela experiência com o futebol; a experiência popular com os símbolos do país oportunizada pelo futebol; e, também, constrói uma argumentação entre o jogo (enquanto algo flexível, que ajuda a explicar as lógicas brasileiras ligadas à tradição – favores, hierarquias, escravidão etc.) e o esporte (enquanto algo de estrutura mais rígida e que se identifica com países modernos quanto ao respeito das regras e foco no desempenho, performance e mérito). (DaMatta, 1982a; 1982b; 1994).

Interessante pensar com DaMatta sobre a contemporaneidade de sua produção em relação aos dramas que vemos nos filmes que se materializam de forma visual e narrativa a partir daquilo que a história dos agentes do futebol brasileiro, quando revisita, nos ensina, como em relação a esse trecho:

[...] no futebol (e nos eventos esportivos em geral), temos a oportunidade clara e concreta de passar de um código ideológico para um código visual, auditivo, tátil, corporal, e de odores, totalizando a própria experiência humana. Daí a importância de estudar os aspectos simbólicos, ideológicos e ritualísticos do futebol, tal como esse esporte é praticado no Brasil (DaMatta, 1982a, p. 14).

Trata-se de uma ampliação do olhar acadêmico-científico quanto às manifestações brasileiras envolvendo o futebol, exigindo o movimento de análise e compreensões mais complexos que considere variáveis múltiplas para além do econômico ou do político, integrando o simbólico, o ideológico, o social, o cotidiano, o cultural etc.

Operando com o constructo teórico do antropólogo brasileiro em tela, Elias, Novaes e Triani (2023) elaboraram um ensaio analisando o livro de Roberto DaMatta intitulado “A bola corre mais que os homens”, uma coletânea de crônicas e ensaios publicada em 2006. O título do livro, segundo tais autores, refere-se “[...] à ideia do autor de tratar o futebol como uma coisa viva e que tem suas vontades, por mais que os homens tentem dominar este fenômeno dentro e fora do campo” (Elias; Novaes; Triani, 2023, p. 254).

Corroborando com a análise do futebol como elemento de drama na sociedade, escrevem: “[...] não é exatamente como um romance que podemos classificar o futebol, mas como um drama que vive entre dualidades, como a sede de vitória e as regras que controlam o jogo, o processo civilizatório” (Elias; Novaes; Triani, 2023, p. 257). E no caso das dramatizações visualizadas a partir do esporte, argumentam que devem ser consideradas as questões sociais locais: “[...] O futebol é o caso brasileiro, e que só pode ser entendido se aqueles que o idolatram tiverem sua história e cultura pesquisadas. Entre as diversas questões, que impeliram o povo a esse amor, pode-se concordar com a sensação de vitória.” (Elias; Novaes; Triani, 2023, p. 266).

Com a explanação sobre o futebol como parte e revelação do drama social brasileiro sob a ótica antropológica de Roberto DaMatta, passamos, então, no próximo tópico, a apresentar e discutir como isso é explicitado a partir de duas obras fílmicas brasileiras, *Boleiros I – Era uma vez o futebol...*, e *Boleiros II – Vencedores e vencidos*.

2 Boleiros I e II – Dramas sociais brasileiros a partir de Roberto DaMatta

O filme *Boleiros I – Era uma vez o futebol...*⁵, dirigido por Ugo Giorgetti foi lançado nos cinemas brasileiros em abril de 1998, poucos meses antes de iniciar a Copa do Mundo de 1998 na França, com aquele clima de euforia e favoritismo que uma certa “energia social” (Mezzaroba, 2017a) mobiliza grande parte da população brasileira em épocas de Copa do Mundo de Futebol. Embora tenha recebido alguns prêmios (de melhor roteiro entre filmes nacionais exibidos em São Paulo e de melhor direção em festival francês), o filme foi um fracasso de bilheteria – de acordo com Marques (2011), foram apenas 60 mil telespectadores.

O filme, que tende a ser caracterizado como uma comédia pela comicidade e caricatura com o qual trata suas seis histórias transitando por seis clubes paulistas (Juventus, Santos, São Paulo, Portuguesa, Corinthians e Palmeiras), no fundo, é um drama que evidencia conversas de bar entre ex-jogadores e um ex-árbitro (por isso, “boleiros”, como são designados os agentes do futebol que viveram ou vivem no meio futebolístico), em que a nostalgia (caracterizada pela passagem das fotos antigas na parede com uma música incidental) apresenta-se como aspecto central, certamente para fazer o espectador refletir sobre a dimensão do futebol no país.

Em cada um dos episódios, temos dramas relacionados aos agentes futebolísticos: no primeiro, o suborno do juiz Virgílio Penalti por dirigentes esportivos; no segundo, Paulinho Majestade e sua falência como ex-atleta, colocando à venda medalhas e troféus; no terceiro, o ídolo Otávio encarando o final de carreira sendo técnico de uma escolinha particular e procurando identificar talentos como o que aparece em um menino de rua (Pivete); no quarto, a narrativa quanto a Azul, evidenciando o início do glamour de um jogador que no mesmo dia é bajulado pela imprensa esportiva, torcedores e é cobrado pela mulher por não ajudar com a criação dos filhos e também

5. Um grande e conhecido elenco foi chamado para o filme: Flávio Migliacco, Adriano Stuart, João Acaiabe, Oswaldo Campozana, César Negro, Rogério Cardoso, Marisa Orth, Denise Fraga, Cássio Gabus Mendes, Lima Duarte, André Abujamra, VJ Cazé, Marcos Grossi etc.

6. Segundo Marques (2011, p. 200), o tom do filme é *disfórico* e não alegre: “[...] A realidade é vista sempre com desesperança, e o passado é mitificado diante de um presente que traz as marcas do envelhecimento.”

sofre racismo por parte de policiais; no penúltimo episódio, o atacante corintiano Caco precisando ser curado para além dos saberes da medicina, acionando o benzedeiro Pai Vavá com a ajuda de torcedores que invadem sua vida íntima; e no último episódio, o atacante Fabinho Guerra, mulhereengo, procurando driblar seu técnico na concentração antes de um grande clássico.

As contradições ou tensões presentes em cada sequência descrevem a história de cada personagem e os dramas sociais. Exemplo do atacante Caco, que se recupera de uma lesão e precisa seguir as orientações médicas (científicas) que não estão sendo efetivas, e, às vésperas de um jogo importante, é levado pelos amigos até um Pai de Santo que indica um tratamento alternativo.

O futebol carrega essa ambiguidade – a qual Wisnik (2008) denomina como sendo a *ambivalência* entre “veneno e remédio” –, representa o avanço tecnológico que impacta no desempenho do atleta, treinamento rotineiro, controle alimentar, horário de descanso e recuperação, medicalização, controle emocional etc., mas toda essa materialidade traduzida na racionalização, está relacionada intrinsecamente com o poder de divindades que de maneira anímica encoraja e dá esperança. Um drama semelhante ao vivido pela sociedade brasileira, que acredita no progresso, mas espera as bem-aventuranças para ter êxito nos empreendimentos.

A religiosidade faz parte da vida social e está impregnada no futebol, ela pode ser representada de muitas maneiras, não importa se jogando sal grosso, beijando uma imagem, usando determinada peça de roupa ou fazendo uma oração antes da bola rolar. A crença, o pensamento mágico, caminha em paralelo com a racionalização do esporte (Conceição, 2021, s/p).

Entendendo que o grande mérito do filme seja o balanço entre o humor e a melancolia, fazendo refletir sobre o papel do futebol na cultura brasileira, é possível reconhecer nos episódios vários *dramas sociais brasileiros*, os quais associamos às análises de Roberto DaMatta⁷, por considerar que o futebol brasileiro contém uma *multivocalidade* (DaMatta, 1994), isto é, uma característica múltipla de ser ritual, espetáculo, de ser jogo e ser esporte, mas também instrumento de disciplina das massas e algo prazeroso, mobilizador de identidades, valores culturais e gostos singulares, ou mesmo, ser parte de um grande mercado, evidenciando sua característica econômica e seu viés de consumo.

7. Nasceu em Niterói/RJ, em 29 de julho de 1936, é antropólogo, graduado em História pela Universidade Federal Fluminense, Especialização em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ), Mestrado e Doutorado (*Master in Arts*) pela Universidade de Harvard (1969, 1971). Professor Titular de Antropologia Social do Departamento de Ciências Sociais pela PUC/RJ e Professor Emérito da Universidade de Notre Dame (EUA). (Wikipedia, 2023).

Quando articulamos o filme em questão – *Boleiros I – Era uma vez o futebol...* – com a pioneira e importante construção teórica de DaMatta, ficam evidentes os elementos brasileiros mais variados, como corrupção, desesperança, desigualdades, racismo, machismo, incertezas, distinções, aspectos relacionados à religião etc., aparecendo como verdadeiros dramas que se configuram como metáforas da vida, naquilo que DaMatta chamaria atenção para observar neles traços de nossa identidade, vida e sociedade.

Em *Boleiros II: Vencedores e Vencidos*, a dinâmica não é muito diferente, porém um novo enredo é apresentado, ou seja, a modernidade do futebol frente a um suposto modelo tradicional, um futebol raiz. Para contextualizar essa transformação, o diretor apresenta o bar dos amigos boleiros que passou por uma mudança estética, agora mais moderno, com nova iluminação, colorido e ergonômico.

Um famoso jogador brasileiro e pentacampeão do mundo, o craque Marquinhos (ator José Trassi), agora sócio, fará uma visita ao local. Se no primeiro filme o ar melancólico e saudosista configura-se como sendo uma estratégia sentimental acionada para falar do passado, no segundo filme, a euforia e idolatria midiática evidenciam-se como sendo a guia narrativa e referência da obra fílmica.

Repórteres, empresários, aficionados, “marias-chuteiras” e outros inúmeros agregados interessados na fama ou para serem catapultados por ela, representam o “homem cordial” (Holanda, 2012). Sucesso e fracasso, representados pelos irmãos com talento com a bola, em que um deles se tornou o pentacampeão mundial de futebol, e o outro, joga e faz exposições no pátio de uma penitenciária. O atleta convive com a figura do empresário e do advogado. As relações do campo de jogo agora se estendem para fora dele. Empresários e advogados ligados aos atletas recebem destaque como figuras importantes. Empresários oportunistas buscando a sorte grande na loteria do futebol promovem, no melhor “jeitinho brasileiro”, o chamado “gato” (prática de fraudar certidão de nascimento, indicando ser o atleta mais novo do que aparenta ser, levando vantagem na estatura física e emocional quando comparado com outro atleta com idade temporal e física adequada):

Sendo um país altamente e violentamente hierarquizado, o jeitinho brasileiro passa a se constituir num modo peculiar de lidar e de transitar com essa hierarquização da sociedade brasileira, já que o malandro só pode existir e se perpetuar numa sociedade altamente hierarquizada (Mezzaroba, 2017b, p. 205).

Os personagens, atletas do passado, continuamente dialogam sobre as mudanças, apontam semelhanças e diferenças, em momentos de estranhamento e reprovação, ou de ponderação sobre seu *status* caso estivessem vivenciando esse novo momento do futebol. Outra questão importante é que os episódios já não são narrados pelos perso-

nagens, mas pelo jornalista Zé Américo (Cássio Gabus Mendes – ator também presente em *Boleiros I* como repórter), que reúne em seu livro de recordações sobre o futebol os causos e casos sobre os ídolos do passado.

Nesse vai e vem entre passado e presente, antigo e novo, o diretor Ugo Giorgetti propõe pensar sobre a racionalização econômica que dá contornos ao futebol contemporâneo. Uma desumanização, midiaticização e alta produtividade, em que não apenas o jogo é negócio, mas o próprio atleta é tratado como uma grande mercadoria (Acker; Rossini, 2012), como um produto humano com seu capital corporal diante das características contemporâneas, que Rial (2008) denomina como sendo o “rodar” no mercado do futebol internacional.

Se para DaMatta a dramatização que o futebol representa mostra questões brasileiras bem específicas, isso ajuda também a esconder outras. Os dois filmes operam dessa maneira: trazem esses dramas em forma de humor, de situações corriqueiras, mas, no fundo, podem provocar a reflexão e análises para além das análises triviais (conversas com amigos, rodas de bate-papos da televisão). Em todos os finais de seus episódios, elementos como a melancolia, a tristeza e a dor da violência (Vaz, 2002) que esses corpos e mentes dos jogadores personagens dos dois filmes sofreram durante uma vida inteira no universo do futebol, podem, na perspectiva de DaMatta, não fazer tanta diferença diante de sua visão otimista quanto ao poder do futebol no Brasil.

Como drama social, o futebol possibilita alguns “milagres”. O primeiro é ser o que queremos que ele seja, isto é, um registro vivo da potencialidade da sociedade brasileira. Segundo, o resgate da nossa própria alma, permitindo acessar um universo saboroso e nobre da vitória. Terceiro, um outro lugar, chamado de “carnaval-cívico”, um momento de celebração (DaMatta, 2011), de suspensão temporária de nossos graves problemas sociais e da nossa histórica desigualdade.

O fato de o futebol estar fora da vida cotidiana garante um ambiente propício para o desempenho de ações desinibidas em meio à formalidade do ritual que é executado. No entanto, a hierarquização da sociedade e sua estrutura social não estão descoladas das pessoas que passam a representar e dramatizar as mazelas da vida coletiva. Uma modalidade esportiva, capaz de representar uma sociedade, configura-se como sendo algo ousado e com uma potência interpretativa, conforme destacado por Wisnik (2008):

O futebol brasileiro é, por sua vez, o saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso. Seria mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro (Wisnik, 2008, p. 407).

No Brasil, o futebol, durante sua história, fomentou mitos e ídolos, a imprensa em geral contribuiu para dar ressonância a um caráter nacionalista e épico. Os atletas, principalmente da seleção brasileira, passaram a representar a pátria em uma robusta manifestação de brasilidade (Guterman, 2009, p. 75). Como registro vivo, resgate da alma e como celebração, o ritual dá sentido e pertencimento, agrega comunidades que podem ser um bairro, uma cidade, região e país, em algumas situações um continente inteiro. Esse é o caso da relação do futebol brasileiro e seu povo. E isso também é evidenciado nos dois filmes aqui analisados, principalmente em relação à inserção do futebol como elemento cultural pertencente à nossa identidade, à nossa linguagem, às nossas práticas e ao nosso cotidiano.

Cinema e futebol brasileiros e a exploração dos dramas sociais... concluindo

Um dos maiores dramas da nossa sociedade está relacionado à nossa identidade como nação, trata-se do “mito da democracia racial”, que ganhou força quando o selecionado que apresentava uma diversidade racial alcança resultados positivos nos embates com seleções europeias, o chamado “mundo civilizado”. Esse drama não foi explorado com maior atenção pelo diretor dos filmes *Boleiros I e II*, o que não desqualifica sua obra, aqui analisada. No debate contemporâneo, talvez em uma terceira continuação do filme, a dimensão do racismo no futebol poderia ser mobilizada de maneira mais contundente, pois, no tempo presente, é um dos dramas sociais que assola o futebol brasileiro e mundial, vide os próprios atos racistas que ocorrem com jogadores brasileiros negros e também com jogadores africanos em estádios europeus. De maneira semelhante à discussão sobre a politização dos atletas e dos clubes, sua ausência ou necessidade de posicionamento frente aos dramas vividos na esfera pública.

Obviamente que futebol nacional espelha outros diversos dramas sociais da própria sociedade brasileira contemporânea, e o cinema pode ajudar a ampliar essa discussão, com relação à participação das mulheres no futebol e seu empoderamento social; a dimensão das expectativas que famílias de baixo poder aquisitivo atribuem ao acesso de seus filhos como futuros profissionais do futebol; os aspectos éticos e estéticos envolvendo a crescente tecnologização da prática esportiva, sua virtualização e mercadorização; as mudanças que acontecem nos clubes, a passagem da gestão amadora para profissional e empresarial; a gentrificação dos estádios/arenas ou a camarotização dos espaços no futebol; as compreensões mais amplas quanto aos aspectos que envolvem a ação de torcer e os movimentos das torcidas organizadas (superando o senso comum que as associa única e exclusivamente à violência, deixando de lado a possibilidade de

observá-las quanto às práticas de sociabilidades, de rituais festivos e identitários), entre tantas outras características que podem se tornar narrativas audiovisuais que nos fazem pensar e nos reconhecermos como sociedade.

Roberto DaMatta, ao estudar o futebol com a perspectiva do ritual e da dramatização do social, conseguiu realizar uma interpretação original sobre o país. Os conflitos de uma sociedade desigual são analisados a partir das suas dualidades, expressos em comportamentos que representam as ações do cotidiano. Por isso, “[...] o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exibe-se, deixando-se descobrir (DaMatta, 2011, p. 104). Que mais obras cinematográficas brasileiras ajudem a fazer o Brasil ver-se nas suas identidades, contradições e dramas sociais.

Referências

ACKER, Ana M.; ROSSINI, Miriam de S. O Futebol Brasileiro nos Filmes Boleiros 1 e 2, de Ugo Giorgetti. **Revista Sessões do Imaginário** - Cinema, Cibercultura, Tecnologias da Imagem, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PUCRS), v. 17, n. 27. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/11476>. Acesso em: 02 maio 2024.

CAVALCANTI, Maria L. V. de C. Drama social: notas sobre um tema de Victor Turner. **CADERNOS de Campo**, São Paulo, n. 16, p. 127-137, 2007.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. A racionalidade da “zica” em meio a racionalização do desempenho. **Ludopédio**, São Paulo, v. 141, n. 45, 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/a-racionalidade-da-zica-em-meio-a-racionalizacao-do-desempenho>. Acesso em: 10 abr. 2024.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional: Antropologia**, Rio de Janeiro, n. 27, maio, p. 1-12, 1978.

DAMATTA, Roberto. Introdução. *In*: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982a. p. 13-18.

DAMATTA, Roberto. Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. *In*: DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982b. p. 19-42.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.

DAMATTA, Roberto. **Explorações: ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

ELIAS, Rodrigo Vilela; NOVAES, Renato; TRIANI, Felipe. A bola corre mais que os homens: Roberto Damatta. *In*: MIRANDA, Marcos; TELLES, Silvio; LUTZ, Thuylo. **Educação física e sociedade: reflexões a partir do pensamento de intelectuais brasileiros**. Rio de Janeiro: Autografia, 2023. p. 254-269.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HOLANDA, Sérgio B. de. **O homem cordial**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2012.

MARQUES, José Carlos. Conversa de bar: narrativas e história oral em “Boleiros”, de Ugo Giorgetti. *In*: MARQUES, José Carlos; TURTELLI, Sandra Regina (Org.). **Futebol, cinema e cia: ensaios**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 189-202.

MEZZAROBA, Cristiano. A “energia social” do esporte – aproximações e experimentações possíveis a partir de um conceito. **Kinesis**, Santa Maria, n. 35, v. 2, 2017a. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2316546426904>. Acesso em: 03 maio 2024.

MEZZAROBA, Cristiano. O esporte como elemento para se pensar o Brasil, sua formação e sua contemporaneidade. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. esp., p. 197-217, dez./2017b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29nespp197>. Acesso em: 03 maio 2024.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação de jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, edição especial, 2008. Disponível em: http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 maio 2024.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

VAZ, Alexandre Fernandez. DaMatta: o futebol como drama e mitologia. *In*: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Org.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 139-164.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.